

Universidades Lusíada

Pinto, Teresa
Sousa, Rui Alexandre de

**Com abrigo : o espaço mínimo para o corpo,
numa nova definição de casa**

<http://hdl.handle.net/11067/8088>
<https://doi.org/10.34628/4479-5236>

Metadados

Data de Publicação	2025
Editor	Universidade Lusíada Editora
Palavras Chave	Desenvolvimento urbano - Aspectos sociais, Arquitectura de habitação - Aspectos sociais, Sem-abrigo - Habitação
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. especial (2025)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:04:55Z com
informação proveniente do Repositório

Com abrigo: o espaço mínimo para o corpo, numa nova definição de casa

Teresa Pinto¹Rui Alexandre de Sousa²

¹ Universidade Lusíada, Campus Vila Nova de Famalicão | Portugal
d1219@fam.ulusiada.pt

² Universidade Lusíada, Campus Porto e Campus Vila Nova de Famalicão | Portugal
ruialexandre@por.ulusiada.pt

Resumo

A condição de sem abrigo e sem teto, na definição da Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em situação de Sem Abrigo (ENIPSSA) é a forma mais grave de pobreza e de privação das condições mínimas de vida de um ser humano em Portugal. Com a crescente dificuldade no acesso à habitação e com os alojamentos temporários lotados, a caracterização das pessoas designadas como sem abrigo sem teto tem aumentado significativamente. O espaço que designamos por casa, permite o descanso e aconchego onde o ser humano encontra a vida, o conhecimento de si próprio entender e interagir com o mundo em autonomia e liberdade (Steiner, 2004). Se o espaço que designamos casa não existe, o défice implica o desequilíbrio, a ausência e a necessária procura do lugar para entender a consciência estando a saúde física fica comprometida (Goethe, 1772). Na atualidade onde promovemos cada vez mais a IA e outros padrões tecnológicos, como representativos de altos valores de desenvolvimento e de conhecimento das sociedades e das cidades, repensar as necessidades dos sem abrigo continua a ser um tema difícil no enquadramento social e político. Vivemos e trabalhamos fora de casa, vivemos em conjunto na sociedade entre o trabalho ou lazer, entre definições de espaço público ou privado mas nem sempre com barreiras perceptíveis. A cidade oferece o lugar da partilha e do conhecimento pela abertura de novos caminhos e funções entre o virtual e o material. Todos aprendemos com novas realidades e as pessoas sem teto também, a cidade oferece tetos durante o dia tornando os sem abrigo apenas visíveis nas horas onde descansamos em casa, num hotel ou com amigos e familiares. Na instalação dos arquitetos Reed Watts, de 2m x 2m com espaço para colchão individual instalado num pavilhão cober-

to em Deptford no 999 Club, UK encontramos um módulo, na *Ecological Living Module* do arquiteto Alan Organschi, o projeto autossustentável motivador de inspiração conceptual, a *sleepbox* de Arch Group tem estatuto de patente de design industrial e vem dar resposta a conforto de quem precisa dormir em espaços específicos como aeroportos. Não faltam estudos e vontades de muitos arquitetos e designers desenhando mínimo pelo mínimo como a casa de 1 m² de Van Bo Le-Mentzel, falta o enquadramento legal do espaço desse m² para oferecer o abrigo do corpo e espírito que nele coexiste e necessita estímulo positivo. Como Wittgenstein acreditava nos finais dos anos 20 do século XX, o significado das coisas é dado pelo uso. Wittgenstein, um filósofo que renunciou a riqueza, reinterpretou o desapego e escolheu o abrigo como refúgio de um novo saber onde os jogos da linguagem, sejam de ordem moral ou legal. Assim, pretende-se repensar e redesenhar interdisciplinarmente este lugar: o abrigo diferente das definições de casa, mas que constitua o lugar da identificação e relação corpo-espaço-objeto (Merleau-Ponty, 2018). Que a exclusão da habitação não seja exclusão social nem passe a constituir um problema de saúde. Concluindo procuramos as palavras, o jogo da linguagem como definido por Wittgenstein e o “desenho” que ajude a moldar a realidade dos sem abrigo, o metro quadrado que tanto precisam.

Palavras-chave: Abrigo, Módulo, Micro, Macro, Sustentável.

Referências Bibliográficas

- Steiner, R. (2004), O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão Goetheana. São Paulo: Van Bo Le-Mentzel: Antroposófica.
- Goethe, J. W. (1772) O Experimento como Mediador entre Objeto e Sujeito, no original “Der Versuch als Vermittler von Objekt und Subjekt”
- Merleau-Ponty, M. (2018). Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes

Notas Biográficas

Teresa Pinto

Arquiteta licenciada pela Universidade Lusíada do Porto (1995), mestrada pela Universidade Lusíada

de Lisboa (2000) e, doutoramento pela Universidade de Manchester MSA em 2012. Professora auxiliar na Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão desde 1996. Investigadora no Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design (CITAD) no grupo de investigação de História tendo interesses de investigação na atualidade no campo do social, no estudo da habitação inclusiva e em sistemas de reabilitação urbana.

Rui Alexandre Lopes de Sousa

Designer de formação, freelancer e consultor e, docente em design por opção. Bacharelado e Licenciado em Design de Equipamento, Mestre em Ensino de Artes Visuais, Doutor em Dibujo e com experiência docente desde o ensino básico ao superior. Desde 2017 é docente de design dos três ciclos de estudos da Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada Norte e, desde 2021 docente convidado na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Tem orientado e arguido diversos trabalhos de investigação. É investigador integrado do Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design (CITAD) e, colaborador do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (I2ADS). Nos últimos anos a sua forte dedicação está no design experimental, e na importância do desenho, identidade e sentidos no design de produto e de interiores.